

**SUPPLICA**

Já viste a Borlha que aos lieijos da lua  
Remoça de côr?  
Assim a minh'alma de lato vestida,  
Ao ver es teus olhos de gozo, querida,  
Revive d'amor.

Eu sinto a existencia tremer enlaçada  
Num riso dos teus:  
Si tu me dexasses, ... de certo morria,  
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,  
Meu anjo dos céus!

Nas tuas madeixas existe o perfume  
Das castas boninas,  
E, quando esses labios se entreabrem de leve,  
Eu vejo os teus dentes mais brancos que a neve,  
Quaes perolas finas...

E então a minh'alma vacilla encantada  
Num riso dos teus:  
Si tu me deixasses, ... de certo morria,  
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,  
Meu anjo dos céus!

Tu es tão formosa! ... De boa, de santa,  
De meiga que és,  
Eu dava o meu sangue para um só instante  
Viver ao teu lado, depois, delirante,  
Morrer aos teus pés...

Oh! não, não me deixes que eu sinto-me preso  
Num riso dos teus:  
Si tu me deixasses, ... de certo morria,  
Meu lirio dos valles, meu astro do dia,  
Meu anjo dos céus!...

EÇA DE ALMEIDA.

**DUVIDA**

Quem será a mulher, que novamente  
Trouxe te a creença e o amor que li fugia?  
Em prazer transformando a dor latente  
Que voraz a tu'alma conflagra?!

Qual será a visão que feliz  
Tornou em risos teu saudoso pranto,  
Fazendo com que a lyra alegremente  
Bem como out'ora, modulasse um canto?!

Custa me tanto a crer que seja ella!  
Que alta noite sosinha meditando  
Sinto no peito uma voraz precella!

Abro a janella e a lua interrogando,  
Vejo o silencio na dourada umbella,  
E ua minh'alma a duvida lavrando

Das Vozes d'Alma.

AMELIA ALVES.

**Os dois primos**

No antono de 1860, D. Bosco estava em BECCHI.  
Um dia lhe apresentaram uma criança de dez annos,  
pertencente a sua aldeia.  
D. Bosco affagou-a, e fazendo-lhe com o dedo  
polegar uma cruz na testa, disse:  
— Continua a ser judicioso: um dia serás sacer-  
dote e praticarás muitos beneficios.  
O menino sem ligar importancia alguma a taes  
palavras, parece que as esqueceu. A idea de aspirar  
as sagradas ordens não lhe tinha, sequer, uma só  
vez passado pela mente, quando alguns annos de-  
pois entrou no Oratorio.  
(Chegando alli, recordou-se de que D. Bosco lhe  
havia dito. Agora, apresentando-se-lhe, vinha em  
companhia de um seu primo irmão, que entrava tam-  
bem no mesmo dia para o Oratorio. Depois de com-  
primentar, perguntou elle a D. Bosco.  
— E meu primo será sacerdote?...  
Ar... cura de C... parochia do Piemont cujo  
nome é muito conhecido por causa do secretario de  
Estado que (tambem o teve) é um sacerdote muito  
estimado pelos seus freguezes.  
— Quanto ao primo, deixando a batina, dedicou-se  
ao ensino catholico.

**NINON DE LENCLOS**

esencia da d'aruga, que jamais ousou macular-lhe a epi-  
derme. Já aos 80 annos conservava-se joven e  
bella, alindando sempre os peludos da sua certidão de bap-  
tismo que rasgava curado Tempo, cuja foie embotava-se  
sobre sua encantadora physionomia, sem que ninna  
deixasse o menor trizo. «Muito verdadeiramente» vin-se obri-  
gato a dizer o velho rubicundo, como a raposeta Lafontaine  
dizia das uvas. Este segredo, que celebre e equivo-  
ca facinorosa confiou a quem quer que fosse das pessoas  
daquelle época, descobriu-o o Dr. Leonie entre as folhas  
de um volume de *L'Histoire amoureuse des gaules*, de  
Bussy-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e  
é actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE  
NINON, MAXIMS LACOSTE, Rue du 4-Septembre, 35, Paris.**  
Esta essencia tem no 3.º dia o efeito das nossas elegantes, sob  
o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como  
as receitas que d'ella provêm, por exemplo, o

**DUVET DE NINON**

pó de arroz especial e refrigerante;  
**Le Savon Crème de Ninon**

especial para o rosto que limpa perfeitamente a ep-  
derme mais delicada sem alteral-a.

**LAIT DE NINON**

que dá alvura deslumbrante ao pescoço e aos hombros  
Entre os productos conhecidos e apreciados da **PARFU-  
MERIE NINON** contam-se:

**LA POUDE CAPILLUS**

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural  
existe em 12 cores;

**SEVE SOURCILIERE**

que augmenta, engrossa e brime as pestanas e os super-  
cilios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

**LA PATE ET LA POUDE MANDERMALÉ DE NINON**

para finura, alvura brilhante das mãos, etc., etc.

Cavem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sob  
o rotulo para evitar as imitações e falsificações

**PARFUMERIE EXOTIQUE  
E. SENET**  
35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

**MÃO DE PAPA** do duque, de príncipe, por meio da  
**Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa,  
assatina a casca leuzo, impede e destrói as frieiras  
e as rubias.

**UM NARIZ PICADO** de pequenas  
burbullhas ou  
combratos torna a respirar sua branura primitiva  
e sua côrta lisa por meio do **Anti-Rolhos**,  
producto sem igual e muito contrafeito.

— CUIDADO COM AS CONTRAFACÇÕES —  
Para ser bella, encantar todos, o  
deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de  
arroz feito com fructas exoticas.

**POUCOS CABELLOS**  
Fazem-se crescer e cerrados empregando-se  
o **Extrait Capillaire des Benedictins**  
do **Mont-Majella**, que também impede  
que caíam e que ficam brancos.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris

**NÃO ARRANQUEM MAIS**  
as lentas castagellas, não arranque mais as  
com o **Elisir dentifrice de Benedictins**  
do **Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, Rue du 4-Septembre, Paris.



apenas  
acorda,  
chora  
pedindo  
o Seu  
Racahout!

**Racahout dos Arabes Delangrenier**  
o melhor alimento para as crianças

Perfumaria extrafina

**L.T. PIVER**

PARIS

**Corylopsis do Japão**  
Evitar as Imitações e Falsificações

**Le Trêfle Incarnat**  
Perfume de Moda

**Rosiris**

**Senteur des Prairies**

**Violettes de Parme**

**Dentifricios Mao-Tcha**  
PÓ, PASTA E ELIXIR

**CALLIFLORE**  
FLOR DE BELLEZA  
Pós adherentes e invisiveis

Graças ao novo modo porque se empregam  
estes pós comminam ao rosto uma mara-  
vilhosa e delicada belleza e deixam um  
perfume de exquisita suavidade. Além dos  
brancos, de notavel pureza, ha outros de  
quatro matizes diferentes, Rachel e Rosa,  
desde o mais pallido até ao mais colorido.  
Podrá pois, cada pessoa escolher a côr que  
mais lhe convenha ao rosto.

**PATE AGNEL**  
Amygdalina e Glycerina

Este excellento Cosmético branquea e  
amacia a pele, preserva a... Cierro. Irrita-  
ções e Comichões tornando-a avelludada;  
pelo que respecta as mãos, dá saludez e  
transparencia ás unhas.

**AGNEL, Fabricante de Perfumes,**  
16, Avenue de l'Opéra, Paris.

**HOUBIGANT**  
PERFUMISTA  
da RAINHA D'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

**AGUA HOUBIGANT**  
SEM REVAL PARA O TOUCAOOR

**AGUA de TOUCAOOR** Royal Houbigant.  
**AGUA de COLONIA** Imperiale Russe.

**EXTRACTOS PARA LENÇOS:** Violette Idéale,  
Royal Houbigant, Eau d'Espagne, Moskari, Iris Blanc,  
Le Parfum Impérial, Muska, Muguet, Gaillet Reine,  
Impérial Russe, Lilas Blanc, Heliotrope Blanc, Fougère  
Royale, Gloriana, Jasmin d'Espagne, Cuir de Russie,  
Giroflée, Corydalis, Bonton d'Or, Sunrise, Rococo.

**SABONETES:** Ophelia, Eau d'Espagne, Violette Idéale,  
Fougère Royale, Lait de Thibidee, Royal Houbigant.

**PÓS OPHELIA,** Talisman de Babilonia  
**PÓS PEAU D'ESPAGNE.**  
**LOÇÃO VEGETAL,** para os Cabellos.  
**PÓS ROYAL HOUBIGANT.**

**PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI**



## Congregação do bom Pastor

A Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, fundada pela Serva de Deus, Maria de Santa Euphrasia Pelletier, foi estabelecida em Generato por Decreto Apostolico de Gregorio XVI, em data de 10 de Janeiro de 1835.

Seu fim principal é consagrar-se e trabalhar pela salvação das almas extraviadas. As Religiosas do Bom Pastor, além dos tres votos de Pobreza, Castidade e Obediencia, fazem um quarto voto, que consiste em occupar-se na conversão das mulheres que abraçaram uma vida licenciosa, porém tocadas por Deus, quem afastar-se do mal e apertar-se em meio de servir a Deus e salvar-se.

Seus mosteiros são como hospitaes em que se recebem almas enterinas e trabalha-se por sua cura, até restitu-las á sociedade completamente regeneradas.

Para obter este resultado, as Religiosas, empre-

Para aquellas que, tendo gostado das doçuras da piedade e das delicias de chorarem os seus peccados aos pés de Nosso Senhor, respirarem pela felicidade de serem religiosas, a Serva de Deus, Maria de Santa Euphrasia Pelletier, fundou a secção de Irmãs Magdalenas, no recinto da clausura dos mosteiros do Bom Pastor, para receber alli as imitadoras da illustre penitente do Evangelho. As Irmãs Magdalenas fazem os tres votos de Religião, recitam em côro o officio parvo da Santissima Virgem, trabalham em obras manuaes, trazem um habito na côr e fórma parecida com o das carmelitas, praticam regra de austeridade e penitencia. São governadas pelas religiosas do Bom Pastor.

Segundo as explicitas Constituições Apostolicas, a Congregação se occupa tambem da direcção das casas de detenção de mulheres e estabelecimentos para receber as jovens menores de idade que os paes ou a auctoridade competente e legitima collocarem nelles.

Pelos mesmos meios já mencionados, se obtem, entre estas, prodigios de graça: ainda os caracteres mais

A Congregação conta actualmente cento e vinte e sete casas e cinco mil religiosas estabelecidas nas cinco partes do mundo: a caridade do Bom Pastor abraça toda nação e toda raça, atravessa Oceanos e vai em busca das ovelhas extraviadas, onde quer que estejam.

A ovelha necessitada lhe é igualmente cara: seja baixo da branca tez da europeia, como sob a negrura da africana; bom numero de infelizes negros, Africa e de indigenas da Asia, lhe devem seu resgate.

Seu fim, como já se expoz, é servir de amparo a mulher, recebendo-a e acolhendo-a em todas as épocas e condições da vida: em seus primeiros annos para instrui-la, depois para preservá-la dos perigos que ameaçam a juventude; mais tarde, offerecendo um lugar de refugio, de consolo e de esperança áquella, cuja innocencia naufragou no mar das tempestades do mundo e, enfim, quando regressadas pelo arrependimento e pela graça, lhes offerece um lugar ao pé da Cruz, como á Magdalena.

Existem actualmente nas mencionadas casas



Viata do Montmartro sobre Paris. Cópia do painel do Max Schlichting.

gam, além da oração e exercicios piedosos, a solida instrução religiosa e a dos ramos elementares a vigilancia constante dia e noite, e todos os meios de doçura e mansidão que inspira a ardentissima caridade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria para com as almas creadas á imagem e similhaça de Deus, resgatadas com o sangue precioso de Jesus-Christo.

A maior parte do dia occupam-se em ensinar-lhes trabalhos manuaes, prendas domesticas, lavagem, engomados e tudo o que constitue a completa formação da mulher honrada e laboriosa, de maneira que, ao sahir do estabelecimento, possam ser uteis, dando bom exemplo ás pessoas com quem têm de tratar e sejam capazes de formar familias moraes e trabalhadoras.

Assim instruidas e solidamente formadas no temor de Deus, serão entregues a seus paes ou ás pessoas que as tiverem collocado, ou serão estabelecidas em alguma condição conveniente.

Si algumas não quizerem sahir e desejarem permanecer na casa poderão fazel-o e ate alli, acabar sua vida.

rebeldes se dobram e acabam por amar a virtude e o trabalho.

Por um segundo Decreto Apostolico do S.berano Pontifice Gregorio XVI, de data de 3 de Abril de 1835 o mesmo Instituto de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, recolhe meninas pobres, orphãs e meninas desvalidas, para instrui-las nos santos preceitos da Religião Catholica, preservá-las dos perigos do mundo e formal-as na virtude, dispondo-as a viver duma maneira piedosa e christã no estado religioso ou secular.

Nas cidades onde não haja collegios para meninas, dirigidos por irmãs, os abrem igualmente as Religiosas do Bom Pastor, para combater a educação athea e anti-religiosa, desgraçadamente tão commum em nossos tempos.

Todas estas differentes secções devem estar, segundo as prescripções do Instituto, inteiramente separadas, tendo, á parte, cada uma, dormitórios, enfermarias, salas de trabalho, refeitorios, pátios e hortas.

Ainda na igreja deverão ter seus côros respectivos, para que não tenham communicação entre si,

Congregação de Nossa Senhora da Caridade do Bom Pastor, de Angers, 1.500 Irmãs Magdalenas; 1.000 arrependidas; 1.000 prisioneiras e detidas; 1.000 meninas entre as differentes seções e escolas.

As heroicis virtudes, as graças obtidas pela intercessão da Veneranda Fundadora da Congregação de Nossa Senhora do Bom Pastor de Angers, a Mãe Maria de Santa Euphrasia Pelletier, inspiram tanto Religião de sua Congregação, como a alguns outros prelados, a piedosos ecclesiasticos, a Commendados de diversas Ordens e a um crescente numero de pessoas de disincta piedade, o desejo que se tivesse a causa da Beatificação da dita Serva de Deus.

Algumas curas milagrosas foram constatadas á auctoridade ecclesiastica.

Com a benção do agusto Pontifice Leão XIII se principiou o processo informativo, em Angers, sob a auctoridade do Illm. Sr. Bispo Freppel, depois de ter sido inscripta a Causa na Sacra Congregação em Novembro de 1886.

Felizmente, terminado o processo, foi levado a Roma, entregue á Sagrada Congregação em Novembro de 1890.



Eminentes prelados das cinco partes do mundo, e eminentes personagens, testemunhas do bem que se faz nas Casas do Bom Pastor, elevam suas supplicas e suas instantias ao throno pontificio para que se dispensem os Decretos geraes e seja quanto antes introduzida a causa desta esclarecida virgem e apostolica serva de Deus, com a esperanza de que a Santa Igreja a collocará brevemente no catalogo dos Santos.

— X — X — X —

### OLHOS VERDES

(A PRIMA ORMANDA G.)

São uns olhos verdes, verdes,  
Uns olhos de verdor-tort.  
G. LUAS.

Das teus olhos o mixto rutilante  
das verdes côres das marés serenas,  
deseio agora, sem pensar instante,  
aos negros olhos das gentis morenas.

Semelham bello prado vicejante  
ao fresco clima de estações amenas;  
são esmeraldas de um luzir brilhante,  
são verdes azas de ideaes phalenas!

D'elles, parece, a lucidez eterna  
que a minha vista de fitar não cança,  
de intensa luz—celestial lanterna!

E assim tão lindos, não os tem a terra;  
— verdes emblemas da querida esperança,  
n'um meigo rosto que—virtude—encerra!  
1901.

L. T. MATTOS CARDOSO.

— ♦ — ♦ — ♦ —

### ET NUNC ET SEMPER...

I

Uma vez, quando tão fortemente te queria,  
confeei a uma mulher bella e a um amigo o segredo de  
meu coração...  
— «Oh! não a creias, disse-me a mulher, tudo  
nella e fallaz...»

E o amigo repetiu:  
— «Foge; ella tem nos olhos philtros que envenenam e na voz aromas que embriagam. Seduz e assassina, Foge!»

E sempre que ia, cheio do mais santo jubilo, contar-lhe o meu intenso amor, elles te maldiziam sempre...

Deixei-me vencer! Não mais meus passos dirigi em tua procura, E tão bella me appareste um dia que o coração saltou-me como se o tivessem querido prender.

Cheguei quasi a odiar-te...

Mas como te amei e como te amo!

Agora a mulher bella não mais fallará de ti e o amigo assistirá silente ao novo canto deste poema dulcissimo...

Não lhes direi os mysterios que me povoam a alma...

E este canto abri o com uma flor, pura e bella como a tua alma e como o teu espirito. So lhe falta o perfume que resuma dos teus labios...

Guarda essa flor, irmã das flores!

Guarda! N'aquellas petalas encerra-se um coração. Ampara-o tu que es boa, ampara o com o teu olhar, ampara-o com o teu carinho...

LUIZ CUNHA.

— O — X — X — O —

### A Alberto Telles

Sô! — Ao ermita sósino na montanha  
Visita o Deus e dá-lhe confiança;

No mar, o nauta, que o tufão balança,  
Espera um sopro amigo que o céu tenha...

Sô! — Mas quem se assentou em riba extranha,  
Longe, dos seus, lá tem inda a lembrança;  
E Deus deixa-lhe ao menos a esperança  
Ao que á noite soluça em erma penha...

Sô! — Não o é quem na dor, quem nos canços,  
Tem um laço que o prenda a este fadario,  
Uma creança, um desejo... e inda um cuidado...

Mas cruzar, com desdem, inertes braços,  
Mas passar entre turbas, solitario,  
Isto é ser só, é ser abandonado!

ANTHEMO DE QUINTAL.

### D. ALDA

(LITTERARIO)

Ilhe D. Alda madrugou. A's costas  
Solta a opulenta cabellera d'ouro,  
Nos labios um sorriso de alegria.  
Vae passear ao jardim; as flores, postas  
Em longa fila, alegremente, em coro,  
Saúdam-na: «Bom dia!»

D. Alda segue... Segue-a um andorinha:  
Com seus raios de luz o sol a banha;  
E D. Alda caminha...

Uma perçõo de folhas a acompanha...  
Caminha... Como um fulgido brilhante,  
O seu olhar fulgura.

Mas—que cruel!—ao dar um passo adeante,  
Emquanto a barra do roupão soffralta,  
Pisa um grão gentil de lactea alvura!

E este, sob os seus pés, inda murmura:  
«Obrigado, D. Alda!»

FRANCA JULIA DA SILVA.

### Mosaico

Para conservar bem os cabelos das crianças—  
das meninas—garantindo se, ao mesmo tempo a  
saude do couro cabelludo, é mister obedecer aos seguintes preceitos: não os cortar, apenas aparar as pontas, de tempos em tempos; não os torcer nem os apertar, usar pelo contrario de penteadoes frouxos; conservar a cabeça limpa, lava-la frequentemente, mas não usar de pente fino, que irrita a pelle e provoca a formação de caspas; não os frisar, e menos ainda usar de ferro quente.

Processo simples e eficaz para dar aos livros velhos e usados o aspecto de novos—trata-se de livros cartonados ou encadernados: limpa-se bem todo o volume, passa-se sobre a capa e sobre o dorso uma esponja humida em espirito de vinho; em seguida applica-se, por meio de um panno o seguinte verniz: clara de ovo 100 grammas, alcool 600—50 grammas. O livro adquire o aspecto de novo.



Oração do manhã. Copia do painel de S. G. Rotta.

CHRONIQUETA

Rio, Novembro de 1911.

Quem nos julgar, a não obstante, pelos a...

Não sei se as letras são preparadas na grande...

Interoiro, e prudente não contar as cosas nos...

Que o diga o maestro Carlos de Mesquita, que...

E de uma tempozinha forte esse artista, não como...

O certo dilectissimo musical é tudo quanto...

A prova está em que alandamos os concertos...

A falta de melhor assumpto para estas linhas...

THEATROS

Rio, 11 de Dezembro de 1911.

No theatro, a romantica Dias Braga deu nos...

Edmundo Victorin faz o que faria qualquer outro...

E uma peça de circumstancia, em que se tratou...

O caso é que o drama, apesar de ter alguns...

Tambem se trata de Temporal e de, titulo infeliz de...

Depois do mais, a companhia Colla, que tem...

O mais que tantas vezes tem repado, apresen...

actra Blanche Grau, que se sahio alosamente, e o...

A lanom - comedia cosmoraina de D'Ennery e...

A companhia tem em ultimos ensaios Uma noite em...

Centro Polonio organizou, effectivamente, para o...

Tem sido muito applaudido, no S. Pedro de...

PAPAINA

Dr. NIOBEY - O melhor remedio para o...

Maison Elegante

CHAPEOS, LEQUES...

J. Campos & Montanari

Rua do Ouvidor, 106 - Rio de Janeiro.

DENTES ARTIFICIAES

A. F. de Sá Rego

ESPECIALISTA

Rua Gonçalves Dias N. 1 - Praia de Botafogo N. 212

Xarope Peitoral de Angico Composto

PREPARADO COM A REANIMADA...

Este artigo e afamado xarope cura em poucos dias...

PREPARAR SE NA 103, RUA DA URUGUAYANA, 103

Advertisement for Neurosine Prunier, containing text like 'Reconstituinte geral do Systema nervoso, Neurosithenia...' and 'Debilidade geral, Anemia, Phosphaturia, Enxaquecas.'

Advertisement for O DENTARIUM, including a list of dental services and prices, such as 'Extrações de dentes em raizes...' and '12 RUA DOS OURIVES 12'.

Advertisement for Novas Publicações Musicas, listing various musical pieces and composers like 'Amor feliz, por J. Christo...' and 'Mazurkas'.

Advertisement for Prisão do Ventre, featuring the product name 'CASCARA ALEXANDRE' and 'Pharmacie, 10, Rue des Mathurins, PARIS'.

Advertisement for Hamamelina Roya, listing ailments like 'HEMORRHAGIAS - VARIZES' and 'FIBROMAS - CONGESTOES'.

Advertisement for Phenol-Bobœuf, describing it as 'O MAIS ENERGETICO e o menos perigoso dos antisepticos'.



# SURPREZA

COMEDIA EM 1 ACTO ORIGINAL DE

Eduardo M. Peixoto

PERSONAGENS

Duarte, negociante	38 annos
Mariquinhas	8 "
Cecilia	20 "
Dr. Clovis	30 "
Um empregado	28 "

Ação - Rio de Janeiro, Epoca - Actualidade

1901

ACTO UNICO

Salão de recepção. Portas ao fundo e á direita, janelas á esquerda. Mobilia de luxo, quadros, etc.

SCENA I

Duarte, só

DUARTE (*Dirigindo os últimos arranjos em um aparelho phono-grapho, que se acha sobre a mesa do centro*). Mariquinhas! Funciona perfeitamente... Ora bem!... Ah! que, enfim, vou causar a melhor das surpresas a Mariquinhas... Grandioso invento, descoberta genuína, que reproduz a voz humana de um perito para o outro da nossa existência. Mande, por um habil artista, que fosse apanhada a leitura de uma carta de Mariquinhas dirigida a mim, quando era o seu noivo. Ainda me lembro: «Amote, meu Duarte, meu só. Escrevo-te só a impressã da tua bella voz de barytono! Cá estão reproduzidas as phrasas iniciadoras de um casamento que lae ha 22 annos!

SCENA II

Duarte e Cecilia

CECILIA (*ao papae*).— Escusado é esconder. Já soube porque guardas tanto mysterio.  
DUARTE.— Chio! Calada! *tapando-lhe a bocca*. Taes uma tagarella como a tua mãe. Assim não se dá uma surpresa!

CECILIA.— Mas, papai, em que consiste esta surpresa? Um phonographo não é surpresa para manião que o vê todos os dias.

DUARTE.— Queres que te diga em que consiste?... Era só o que faltava!... Las logo bater a lingua nos dentes á tua mãe. O... Cecilia... sabes?... vae esperar o teu marido, que não ha de tardar.

CECILIA.— Não faltava mais nada, eu esperar Clovis!

DUARTE (*admiração*).— Não faltava mais nada! E, porque não?... Não é o teu marido do coração?  
CECILIA.— Fui não é mais.

DUARTE.— Lá vem! (*á parte*). Temos arrufo! (*alto*). O marido é sempre do coração, principalmente quando esse marido é cumpridor liel dos deveres os mais sagrados.

CECILIA.— Mas, o Clovis, não é.  
DUARTE.— Temos outra! Ora ahí está em que dão os brinquedos... (*mudando de tom*) O Cecilia, sabes que mais?... Vae contar tudo o que quizeres a tua mãe. Eu não escuto nada, estou surdo. (*para os curules em es mãos*).

CECILIA.— E' porque, papae, não repara. Vê, já 3 horas e Clovis ainda não chegou.

DUARTE (*destapando os curules*). Ah! então, o teu marido tem horas marcadas de entrar em casa?  
CECILIA.— Tem, sim, senhor. Sae do escritorio ás 3 horas, ás 3 1/2 deve estar em casa.

DUARTE.— Bonito!... É o teu marido não ha de fazer... á barba?

CECILIA.— Eu sei quando elle tem de fazer á barba.

DUARTE.— Também sabes quando elle tem de encontrar um amigo, quando tem de entrar em uma cafeteria, em um botéjzim, na camara dos deputados, em uma sessão de jury...  
CECILIA.— Si Clovis tinha de se occupar tanto com os negócios não se casasse.

DUARTE.— Então, o homem quando se casa é só para o emprego e depois... de carreira para casa?  
CECILIA.— Parece-me!

DUARTE.— É o como fica um homem bestificado! Perde as suas boas relações, os seus altos conhecimentos polticos, a sua *rodinha litteraria*, perde tudo, porque tem de correr para a casa, para o hulo da mulher, isto é abominavel! Isto não se admittir!... Clovis faz muito bem. Tem os seus amigos, não os deve perder. Tem onde ir a negocio, não deve faltar. Ora, ahí está!

CECILIA.— Mas papai não fez assim, quando casou com a manião.

DUARTE.— Mas, venha cá, eu não fiz assim, mas também não me deixei impôr á vontade de tua mãe.  
O teu marido é um moço diplomado, tem as suas relações, tem a necessidade de se cultivar, não pode ficar na certa de entrar a casa! Não ha meus, meus á familia, mas, ant's de tudo tem a sociedade, á vida nos v'm a lucta que iniciamos para o bem estar dos nossos filhos?

CECILIA.— Pois não vou esperal-o. Clovis não me verá ahí esta hoje!

DUARTE (*olhando a...*).— Ih! eh! eh!... Está brava... Vae... vae ter com a tua mãe, vae ter com teu marido e depois... vem ter com teu papae.  
CECILIA.— Eu fico aqui. Quero só ver em que sem referencia Clovis me apparece.  
DUARTE (*olhando a...*).— Isto nunca! Não quero ser testemunha de creancices! Mesmo porque eu estarei do lado do teu marido.  
E, até logo, vae a *suir e esbarra* com Clovis! Oh! nem a preposito! Atura a tua mulher, que está com a bicha... o ciuame!... (*sae D.*)

SCENA III

Cecilia e Clovis

CECILIA (*vindo*).— Cala-te! Foi um pretexto que tive para saber o que o papá estava fazendo... para saber a surpresa que pretende fazer á mamã...  
CLOVIS.— Fazes mal! Para que collocar o bom velho nesta supposição mentrosa?

CECILIA.— De certo! Quero saber o objecto que o papá diz ter para surprender a mamã. Desde pela manhã que anda preparando o aparelho. Sabia duas vezes... Duas vezes foi á cidade... Não foi ao escriptorio... Cada vez fico mais impaciente!

CLOVIS.— Mas, o que disseste a teu papae? Disse me que tu estavas com a bicha.  
CECILIA.— Fingi estar amuada contigo, por não teres ainda chegado.

CLOVIS.— Isto não é bonito, Cecilia!  
CECILIA.— Cala-te. Ajuda-me a procurar, vem. (*vae ao aparelho*).

CLOVIS (*vendo o*).— Não vejo nada de mais neste aparelho. Possue o que os outros possuem.  
CECILIA.— Ha de haver qualquer modificação. Uma surpresa diz o papá. Ha de descobrir. Estou como nunca curiosa!

CLOVIS.— Deixa-te disso, Cecilia. Que curiosidade também a tua! E eu a me prestar...  
CECILIA. (*na ponta dos pés, cautelosa e dissençada que appareça o pai*).— Espera... consegue... (*o aparelho começa a funcionar*).

CLOVIS.— Si teu pai ouve!  
CECILIA.— Fecha a porta, fecha aquella *correa* a fechar! Clovis fecha a do corredor. (*Clovis vai fechar*).  
Ali, Clovis... (*aponta a janela aberta*). Depressa, senão papae... *corre á fechar a ultima porta*.

CLOVIS.— Esta bonito!... Muito bonito! Como ficava em se teu pai apparecesse agora?!  
DUARTE. (*de dentro*). Abre isto! abre!

CLOVIS.— Bonito!  
CECILIA.— E' papae! E agora?...  
CLOVIS.— Agita arranja-te lá com elle!  
CECILIA.— Ajuda-me a fazer parar esta machina.  
CLOVIS (*vindo*).— Vae pagar a tua curialidade.  
CECILIA.— Mas, mexe-te Clovis, anda depressa, corre!

CLOVIS (*sentando se*).— Não. Agora fico quieto. Quero ver o que vae fazer e dizer a teu papae.  
CECILIA (*atrapalhada, segura o phonographo e deixa-o cair ao chão, quebrando o*).— Ah! Santa Barbara!... Quebrei o aparelho, como ha de ser?

CLOVIS.— O que fizeste? Lá se foi a surpresa do meu sapato pelos ares.  
DUARTE (*de dentro*).— Abre isto!... Estou com pressa!...

CLOVIS.— En é que vou tratando de fugir  
CECILIA.— Não, senhor, fugir. Tu has de assumir a responsabilidade do desastre.  
CLOVIS.— Eu?  
CECILIA.— Sim, tu! Vou dizer a papá que fostes tu...

CLOVIS.— Não senhora, isto é que não! Foste curiosa, paga a tua curiosidade ouvindo um sermão de teu papae.  
CECILIA.— Então, diz-me, o que hei de fazer?  
DUARTE (*de dentro*).— Vocês não abrem?  
CLOVIS.— O remedio que ha, minha amiga, é confessar o delicto.

CECILIA.— Eu não confesso nada. Direi que... hei de arranjar uma desculpa! (*vae abrir a porta*).

SCENA IV

Os mesmos e Duarte

DUARTE.— Vocês estão surdos? Estou a chamar, a chamar, e nada de me abrirem a porta. Com effeito!  
CECILIA.— Estávamos conversando na janela e não ouvimos.  
DUARTE.— Ah! já fizera as pazes!... Bem, hom!... Bem hom!... Lá se foi a bicha... hein?  
CECILIA.— Ah, meu rapaz! Lastimo te que tenhas de passar de vez em quando, por esses pedacinhos. O que queres? São cavacos do officio!

E teres paciencia e... deixa o barco andar. As mulheres sempre foram assim, em todas as epochas: caprichosas, curiosas e... as vezes boas.  
CLOVIS (*á Cecilia*).— E' agora!  
DUARTE.— Bem, deixem-me aqui, que preciso concertar este aparelho. (*vendo o quebrado*) Mas... o que é isto? O que foi? O que fizeram ao aparelho?  
CECILIA.— Foi ao limpar a mesa... a manga do paletot (*á Clovis, mostrando o*) Ajuda-me... (*alto*) Clovis viu.

DUARTE.— Quebraram-me o phonographo! A surpresa que eu estava preparando com tanto entusiasmo! *que nem a ultima palavra de um velho*. Mas como fiz, zeita isto? Como lá fui a quebraram?...  
CLOVIS.— Eu como, meu foggo. Ciois te espantou a meca... *estava lá*. Quando uma moçada de venturo... vindo daquelle janela, fez a manga do paletot

destrubar o phonographo *á parte*! Crédo! Que me tira damnada!... Deus me perdoe!...  
CECILIA.— Não foi minha a culpa, papae, *foi a elle*. Zangas e te commigo! *ficando-lhe a manao*! Fica-te aborrecido com a tua filha.

DUARTE.— Poderá! Como poderei reconciliar o mal? (*embrando se*) Ah! leveo ao vendedor... talvez elle consiga concertal-o.

CECILIA.— Desculpate já, não é verdade?  
DUARTE.— Vá lá. Si não fosse a tua curiosidade não acoarterica isto... ahí está!...

Bem, já volt... (*Para o papae, e mbrulha o phonographo e o guarda debaixo do braco*). A tua mãe me procurar diz-lhe que fui a casa do Edmundo e que volto já. (*á Cecilia*) mexeriqueira! (*sae*).

SCENA V

Clovis e Cecilia

CLOVIS.— Pobre homem! Por causa da tua imprudencia fizeste o teu papae ir á procura de novo aparelho... Si eu fosse elle te castigava!

CECILIA.— Antes ser curiosa do que ser indifferente á curiosidade.  
CLOVIS.— Não tanto como tu.

E' verdade que, com muito raras excepções, todas as mulheres são desajozas de saberem novidades. Co heci em s' litoir uma senhora dona Antonia, uma mulher muito intelligente, que tinha a habilitude de surprender qualquer individuo com as perguntas mais ingenuas, mas que tinham um fim verdadeiramente audacioso.

Procurava a senhora D. Antonia se tornar amiga n'essa, se esforçava o mais que podia para nos ser útil, se dedicava extraordinariamente a uma creança, e o fim de obter, com vantagem, a novidade que estava entre as pessoas da familia. A D. Antonia era uma dessas amigas do peito, que todos os dias se fingem amigas para mais tarde se fazerem de combustivel ás nossas pelles ardidas.

CECILIA.— Deixem-me, meu Sr. Clovis, as D. D. Antonias.  
Diga-me: Não se esqueceu da minha encomenda? A mamã completa h'je o 22º anniversario de casamento, e devemos lhe dar uma lembrança.

CLOVIS.— E outra ao teu papae, e mais mercê da— por ser a cabeça pensante do casal.

CECILIA (*vindo*).— Sempre mostra ser genro de sogra! Vejamos as lembranças!

CLOVIS.— (*Tirando da alforca duas pequenas embrulhas*). Aqui esta á la tua mãe. Deves, sem ella ver, colhar sobre o seu toucador. (*Entre a lizo*).  
E aqui está a do teu papae.

CECILIA.— *olhando*. Um livro religioso de madre-perola *receitando*? Bonito! *abrindo o embrulho* Uns... o que é isto?

CLOVIS.— (*á parte*) oh! diabo!... Lá descobri ella! Como ha de ser agora? (*abrindo*) não, não... isto não é teu, é de teu papae... loi tu a encomenda! que meu s' froz... (*á parte*). Esta foi estúpida!...

CECILIA.— Encomenda de papae?... Será para manião? Pará parie da tal surpresa? Vais-me dizer tudo, não é verdade?

CLOVIS.— *á parte*. Em que esparrela cáhi! Como hei de conseguir— menir a Cecilia?... (*alto*) Mas, tu és curiosa, espera... isto é de teu papae... Mandou-me o Edmundo...

CECILIA.— Instamente... O Edmundo, o vendedor de phonographos, de aparelhos de electricidade. Ora! vou saber o mysterio que encobre a surpresa do papá! Diz-me, anda!

CLOVIS.— Diz-me o que?... Si eu não sei...  
CECILIA.— Sabes, sim.  
CLOVIS.— Não sei, Cecilia.  
CECILIA.— Sabes.  
CLOVIS.— Juro te que não sei.  
CECILIA.— Clovis! Eu me zangou!...

CLOVIS.— Ah! está, queres te zangar sem motivos.  
CECILIA.— Tenho motivo. Tu sabes e não me queres dizer.

(Continua)

## Scenas da vida fluminense

OS NAMORADOS

Os namorados, minhas leitoras, dividem-se em tres classes:

1ª Os sinceros ou bem intencionados, os parasitos ou caçadores de dotas, 2ª os comediantes em D. Luiza da meda.

Os primeiros, isto é, os sinceros ou bem intencionados, são os que inecontestavelmente dão mais resultado e menos prejuizo.

De ordinario são almas boas e simples, com relações bem firmadas, que vem na vida conjugal a venturança e intacta felicidade da vida.

Comim sempre por amor, tornando-se geralmente bons cheles de familia, impellido como são pelo sentimento que lhes inspirou o amor sincero.

Ao recte porim, que succedem ás vezes desavenças no lar conjugal produzindo desbarrom e choros e esperanças.

Essas contrariedades são devidas aos genios que não se ligam, mas como os corações estão ligados pelo amor tudo em breve desaparece e reina de novo a paz e a harmonia.

A sua educação, ou falta de cultivo intellectual de um dos conjuges é muitas vezes a causa dessa desharmonia que e desde logo supplantada pelo amor.

Os namorados desta classe procuram realizar o seu sonho dourado com brevidade.

São apresentados à familia por um amigo da casa ou por algum parente da sua preterida, obtêm della o consentimento verbal, que já tiveram por meio de algum sorriso promettedor e d'ahi a pouco tempo fazem ao chefe da casa o pedido, marcando um prazo, quasi sempre curto. Durante o noivado, si a familia é pobre tornem-se a noiva tudo quanto necessita, como si já fosse esposa.

Visitam-se com frequencia desejando vela a todo o instante.

Torna-se economico abandonando as extravagancias de solteiro.

Ajuda muitas vezes o futuro sogro occultamente nas despesas da casa.

É franco, sincero para com a noiva, não tendo segredos para ella, contando-lhe até a sua vida particular.

Visitam com frequencia os grandes leilões, as casas de moveis, onde de vez em quando fazem aquisição de alguma mobilia de que vae precisar.

Nos largos idyllios com a noiva, sentados no divan, ou debruçados em alguma janella discutem sobre o logar onde vão residir, sobre o enxoval, sobre os utensilios da casa, etc., etc.

E por fim casam no dia do anniversario della ou de seu pae, tornando-se esposos exemplares hemdizendo o dia em que se viram e adorando — aquella a quem deram o nome.

Vejamos agora minhas leitoras, os namorados da 2ª classe, isto é, os platonicos ou caçadores de dotes.

São geralmente individuos desoccupados sem profição, sem arte.

Vestem-se com luxo e elegancia, dando bastante aos barbeiros; conhecem um pouco de francez, discutem theatro e litteratura, fallam da vida alheia, da politica e estão sempre ao par das novidades mais palpitantes do dia.

Deitam-se ao amanhecer, despertam pelo meio dia e vão pela rua do Ouvidor dizer tolices às moças, metter-se nas rodas de jornalistas, mostrar algum terço de roupa novo ou filar o almoço a qualquer amigo ou, na falta deste, morder umas 4 ou 6 empadas no Paschoal e pagar 2 ou 3 como succede quasi sempre.

Na rua do Ouvidor conseguem com facilidade obter algum convite, para a noite, de serão ou de baile.

Si é baile apresentam-se trajados no rigor da moda, flor ao peito e monoculo no olho esquerdo, dançam com elegancia, marcam quadrilhes, fazem discursos à mesa, recitam velhas poesias, que fazem passar como de sua lavra e muitas vezes alliviam o pianista tocando trechos mais ou menos dançantes.

Fazem a côte à filha de algum negociante apatçado a quem obtêm ser apresentados.

Insinuam-se no espirito do velho e no dia seguinte lá estão lhe filando o jantar e fazendo jús ao dote da filha.

Juram por todos os santos à moça um amor que não sentem, illudem-na dizendo que por morte do pae tem tantos e quantos a receber. Captivam-na de sympathia e mais tarde a paixão dessa pobre victima por meio de suas caricias amorosas, de seus beijos de fogo, dam lhe romances sentimentaes a ler, fingem-se apaixonados e cumentos, offertam-lhe flores todos os dias, obtêm della o retrato que serve para mostrar aos amigos que se riem à custa da victima descobrindo muitas vezes defeitos que não têm.

Quando consideram completa a sua missão, isto é, quando vêm a moça de todo apaixonada, arranjam alguns contos de réis emprestados para pagarem mais tarde com o dote d'ella.

Dirigem-se ao futuro sogro pedindo a mão da filha.

Este, venho o amor da filha concedem ainda que contra vontade, sem mais indagar quem elle e para onde vae.

Isto aliás de nada serve, porque tem geito para mentir.

De resto apparentam com o dinheiro emprestado uma fortuna que não possuem.

Casam-se e o marido em pouco tempo gasta o dote da esposa e recolhe-se com ella à casa do sogro quando não a abandona em extrema pobreza.

Causa-me asco e repugnancia fallar-vos d'esta classe de namorados tão inuteis quanto perniciosos à sociedade.

Passemos agora à ultima classe, isto é, os comediantes ou D. Luans da moda que o vulgo chama — passa tempo.

Estes namorados não casam, ou por falta de meios ou por aversão ao casamento.

A vontade é boa, mas, como não podem, julgam que empatar as moças não é crime e vão passando o tempo.

Vestem com simplicidade e elegancia.

Evitam frequentar as casas das namoradas, preferindo os idyllios debaixo das janellas, nos honds ou nos jardins, nas calmas e longas noites de luar.

Permanecem às vezes em esquinas horas esquecidas, trocando com ellas sorrisos e olhares promettedores.

Escrevem longas cartas romanticas, verdadeiros testamentos, copiados, na maior parte das vezes, de qualquer romance desconhecido.

Terminam essas cartas pedindo uma madeixa de cabellos como lembrança e mais tarde pedem o retrato que é o ponto final do namoro, pois entre elles é um glorioso trophéo de victoria o retrato da louquinha que acreditou nellos.

São inoffensivos esses namoros, pois o seu crime limita-se quasi sempre a protestar um amor passageiro por eterno e furtar alguns beijinhos às escondidas.

É muitas vezes apanhado em flagrante conversando com sua amada. O pae d'ella muito admirado pede-lhe esclarecimentos, ella com muita naturalidade responde que é o caixeiro da loja de fazendas que veio saber si precisava de alguma cousa.

O velho engole a pilula e o namorado, depois de cumprimental-os delicadamente, retira-se.

Os individuos porém que pertencem a esta classe possuem geralmente muitas namoradas a um tempo.

Quando a moça lhes falla em pedido ao pae ou o pae chama-os à ordem, desaparecem como por encanto e nunca mais a familia ouve fallar nellos.

Costumam não dispendir dinheiro em presentes e si a namorada lhes pede uma lita, um romance, um leque, qualquer cousa enfim, fazem-se de esquecidos ate o pedido cahir no esquecimento.

Nos bailes divertem-se com a primeira moça que lhes der corda, dizem-lhe um milhão de tolices, juram-lhe amor eterno, promettem casamento e no dia seguinte nem se lembram mais do que fallaram na vespera e muitas vezes nem da propria physionomia d'ella.

Com esta classe de namorados dão-se factos verdadeiramente pandegos.

Citaremos um que nos contaram:

Uma joven foi visitar uma sua amiga; fallaram de modes, de theatro e um pouquinho de vida alheia e por fim o assumpto foi, como sempre o amor.

— E tu quando casas? Disseram-me que já tinhas namorado.

— Sim, um estudante de medicina, que prometteu casar commigo logo que tomar gra.

— Ah! Ah! doutor, já não é pouco. E que typo é elle?

— Alto, moreno, bigode preto, rosto redondo com um pequeno signal do lado esquerdo.

— Bigode preto com um pequeno signal. Queres ver que tu és minha rival?

— Nada... nada; a que horas costumavas vel-o?

— Daqui a meia hora deve passar por aqui. A hora d'elle é meio dia.

Decorre esse pequeno prazo e as duas amigas vão à janella.

— Olha, lá vem elle.

— Aquelle rapaz alto, de cartola e sobreca-saca, que acaba de dobrar a esquina.

— Aquelle é que é o teu doutor? Oh! os homens são todos a mesma cousa. Sucia de embusteiros.

— Mas que é Zizinha, que tens?

— Pois aquelle patife prometteu-me tambem casamento dizendo-se dentista.

— Olha que cynico! passou fingindo não nos conhecer.

E como este, minhas leitoras, succedem diariamente dezenas de casos.

São uns pandegos, uns verdadeiros pandegos os taes namorados.

... até o proximo numero.

NOBREGA JUNIOR.

Novembro, 1901.

## Thezouro infinito

Poesia recitada no Festival em beneficio da Crêche pela menina Rachel Baker, na noite de 30 de Setembro de 1901.

Contam que outr'ora, um devoto  
tinha occultado um thezouro  
de montões d'ouro,  
ao pé de uma cruz perdida  
em selva escura.  
e que alli, fizera o voto  
de ap; licar tanta riqueza  
a socorrer a p' hreza.  
Mas, se encontrasse na vida  
uma alma pura  
que a gratidão abrigasse,  
mas a gratidão completa  
sem humilhação secreta,  
sem nada que a deformasse,  
levantaria uma ermida,  
uma memoria  
á doce cruz solitaria  
que permitira tal gloria.

Correu mundo e gente varia  
viu, andou terras e mares,  
trevas mudou em luares,  
noites más em claros dias,  
em sorrisos, agonias,  
fome atroz em farta mesa.  
Foi defensor, f i esteio,  
dos humildes, da fraquesa,  
dos velhos e das crianças,  
sempre aberto e sempre cheio  
o inexgotavel thezouro  
de montões d'ouro  
e de roseas esperanças.

Muita vez, de annos em annos,  
voltou inda á selva escura  
o caridoso Senhor;  
trazendo, dos desenganos  
ferido, uma piece pura  
á cruz do Deus Redemptor.  
— Jesus! dentre tantos prantos,  
e tanta miseria e dor,  
nem uma bengam vos trago  
bem d'alma, foi tudo vago,  
tudo falso e enganador  
Senhor! Senhor!

E enchendo os cofres da novo  
do incomparavel thezouro  
de montões d'ouro  
partia, peregrinando  
a gratidão pr curando,  
sem cessar, de povo em povo,

Já lá vão tempos sem conta  
que esse infinito thezouro  
de montões d'ouro  
jaz fechado, e silencioso  
em torno á cruz, o arvoredo.  
Não vem ninguém tanto monta  
dizer, que a morte o segredo  
sel'ou, do voto amoro,  
levando aquella alma á luz;  
e, para sempre, o thezouro  
de montões d'ouro  
ficará aos pés da cruz!

Se hoje esse Santo visse  
e á nossa festa viesse  
leria no coração  
da turba que nos escuta  
tão profunda gratidão  
pelo bem, pel s carnhos  
que vão ter os pbresinhos,  
que dera por finds a luta,  
e ergueria á cruz a ermida  
para encerrar o thezouro  
de montões d'ouro.

ADELINA LOPEZ VIEIRA.

## MOLDES

Para o presente numero offerecemos:

N. 4 — S'ia.....	1\$ 100
N. 54 — S'ia.....	15000

Pelo correio mais 300 réis para o primeiro molde e 200 réis para cada um dos que se seguírem.

ENX. VAZS PARA REJEM-NASCIDOS

Mediante a insignificante quantia de 34000 ou 35000 pelo correio podemos fornecer em envelope apropriado, moldes completos para enxovias de r e cm nascidos constando de quatorze peças.

Os pedidos bem como as importancias são recebidos no escritorio desta folha — Rua dos Olivares, 7 — Rio de Janeiro.